

# Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial. O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira

Sérgio Lira <sup>1</sup>

Universidade Fernando Pessoa

## RESUMO

O encerramento de uma unidade industrial que construiu um edifício próprio aquando do início da sua actividade, e que com ele cresceu ao longo de muitas décadas de laboração, é um momento especialmente delicado no que respeita ao destino das instalações. Assim foi com a Empresa Industrial de Chapelaria, fundada em S. João da Madeira na segunda década do século XX e encerrada na última década desse século. O edifício era, à data do encerramento, já apenas um objecto truncado, mas, ainda assim, de um interesse significativo. Neste artigo pretende-se dar notícia do processo de reutilização desse espaço, para aí instalar o Museu da Indústria de Chapelaria, inaugurado no ano de 2005.

## PALAVRAS-CHAVE

Património Industrial; Arquitectura industrial; Museu de Indústria

## ABSTRACT

The closing of an industrial unit, which worked inside a specific building for the period of its existence, is a problematic moment from the industrial heritage preservation point of view. That was the case of the Empresa Industrial de Chapelaria, the main hat industry enterprise of S. João da Madeira (North of Portugal). That enterprise was founded in the early years of the 20th century and ended its activity during the last decade of that century. By that time, the original building did no longer exist as a complete piece but the remaining section was still a significant object in terms of industrial heritage. The main goal of this paper is to describe and comment the process of reusing that building to install the Hat Industry Museum.

## KEY-WORDS

Industrial heritage; industrial architecture; Industrial Museum

Nos finais da década de 1990 o Município de S. João da Madeira tomou a decisão de avançar com um projecto que já acalentava há algum tempo: um museu que celebrasse a actividade industrial da chapelaria do Concelho, velha de muitas décadas e notória tanto a nível regional quanto nacional.

Tal projecto tinha já suscitado por parte da autarquia a aquisição de um edifício e de espólio, resultantes, um e outro, do fim de uma das mais significativas empresas de S. João da Madeira, a *Empresa Industrial de Chapelaria*, também conhecida no meio local como a “Empresa” ou a “EICHAP”<sup>2</sup>. O edifício, se bem que truncado de dois terços da sua estrutura original (da planta quadrada de pátio central restava apenas o corpo voltado à rua – ver foto 1) era ainda uma peça extraordinária em termos de arquitectura industrial. Aliás, a parte restante do edifício fora a sua ala nobre, voltada à rua/estrada nacional. Nessa ala haviam estado instaladas algumas das funções vitais da fábrica, como escritórios e áreas de laboração industrial, e ainda zonas de armazenagem. Havia, portanto, um local físico para criar uma unidade museológica. Faltava, entre outros aspectos que não serão o objecto deste texto, desenvolver o programa museológico e coaduná-lo com a pré-existência construída e com o projecto de intervenção arquitectónica (Cf. LIRA e MENEZES, 2001), (LIRA, FERNANDES e SANTOS, 2003).

Nesta fase fomos convidados (LIRA: 2001) a contribuir para uma equipa que se constituía e que era, de início, multidisciplinar: museologia, arquitectura, engenharias, antropologia, ciências da educação, relações públicas e marketing, e outras valências, faziam parte dessa equipa original, a que se juntaram, depois, outras especialidades à medida do avanço do projecto (nomeadamente ciências do património e conservação e restauro). Tomou-se, no seio desta equipa, a decisão preliminar de fazer avançar o projecto em três frentes essenciais: o programa e projecto museológico, o projecto de arquitectura (com as especialidades a ele associadas) e a investigação antropológica. Estas três frentes estavam intimamente coordenadas, para que o projecto global crescesse de forma ordenada e equilibrada, evitando avanços–recuos sempre desinteressantes.



**FOTO 1** Fotografia do edifício da EICHAP ainda completo. Apenas resta o corpo voltado à rua.

Uma vez que se tratava de um projecto de museologia industrial, o edifício e o espólio eram essenciais na determinação do cariz da proposta que se apresentaria. Nessas condições, tomou-se por meta respeitar no possível a pré-existência do edificado (LIRA, FERNANDES e SANTOS: 2003). Cuidou-se, assim, de compreender a utilização industrial do edifício para reorganizar e reutilizar os espaços de acordo com o organigrama<sup>3</sup> que se desenvolveu no âmbito do programa museológico, de tal modo que pelo menos parte da memória industrial prevalecesse.

Desta maneira, o museu desenvolve as suas áreas procurando atribuir aos espaços ocupados funções museológicas que preservem a memória de utilizações pretéritas, aquelas que esses espaços haviam já conhecido no tempo da produção industrial. Alguns dos casos mais notórios são os que a seguir se referem. A entrada principal do museu coincide com a que foi a entrada principal da fábrica; na parte do edifício onde funcionavam os gabinetes da direcção da fábrica estão instalados os gabinetes do director e restante equipa de trabalho do museu; as antigas áreas de produção industrial recebem as exposições permanentes, relativas à cadeia operatória do fabrico dos chapéus; algumas das áreas de armazenagem da antiga fábrica são usadas como áreas técnicas e de reservas. Desta forma, na organização espacial das áreas funcionais do museu, a memória da antiga fábrica está presente, não apenas nos objectos, nas colecções, nas recolhas *audio* e *video*, em suma nos acervos museológicos, mas também nos próprios espaços arquitectónicos.



**FOTO 2** Re-colocação das asnas, depois de trabalho de recuperação

Por outro lado o projecto assumiu, desde o início, preocupações com o facilitar do acesso a todos. Nesta conformidade, a distribuição dos espaços e respectivos acessos foi pensada de maneira a que todas as áreas do museu, sem excepção, estejam alcançáveis por cadeiras de rodas. Naturalmente, em função dos constrangimentos inerentes a uma pré-existência, os percursos para as cadeiras de rodas são por vezes mais longos que aqueles previstos para locomoção pedestre. Mas o acesso está garantido, tanto para público quanto para funcionários.

Uma outra questão essencial prendia-se com a possibilidade, ou não, de preservar o edificado, do ponto de vista material. Foi realizado um levantamento rigoroso do existente, tanto no que respeita a estruturas quanto no que concerne a materiais removíveis, como estuques, mobiliário embutido na estruturas interiores, caixilharias, paredes interiores não-estruturais e escadarias. A observação minuciosa destes elementos permitiu, numa avaliação precoce, a conclusão de que muitos não se encontravam em estado de conservação possível. Assim também para elementos estruturais em madeira, vigas que suportavam soalhos e colunas de ferro. Os telhados, também estruturados em madeira, estavam num avançado estado de degradação, e, com algumas raras excepções, irrecuperáveis. Nos casos em que os madeiramento dos telhados o permitiram, as peças foram retiradas e recuperadas, tendo depois sido novamente aplicadas no edifício (ver foto 2). Nos casos em que os telhados tiveram que ser reconstruídos (ver foto 3) as telhas, que se re- aproveitaram numa



**FOTO 3** Reconstrução dos telhados e recuperação das paredes

percentagem substancial, e os ornamentos em ferro forjado das cumeeiras, permitiram conferir ao resultado final um aspecto muito próximo do original.

Neste cenário, foi decidido salvaguardar todos os elementos passíveis de recuperação e de reutilização futura e avançar para uma demolição faseada e controlada do interior do edifício. Ao longo desses trabalhos verificou-se que as paredes estruturais estavam, também em muitos pontos, condenadas. A técnica construtiva e os materiais empregues no edifício original (argamassa pobres, pedras irregulares e de pequenas dimensões) não permitiram manter todas as paredes. Nos casos em que tal foi possível, os estuques foram retirados (ver foto 3) e aplicaram-se argamassas novas e materiais isolantes, conferindo depois à parede exterior um aspecto próximo do original. Assim também se procedeu no que respeita à caixilharia, que, sendo nova, ostenta a estética da original.

O edifício actual, na sua ala Norte (a que se encontrava em piores condições de conservação) é estruturado em aço estando a própria estrutura visível (ver foto 4), o que permitiu a solução de "transparência" entre pisos, nas salas de exposição permanente, conseguida pelo emprego de gradeamento. Sobre esse gradeamento foi colocado soalho nas zonas de circulação, para conforto dos visitantes, mas é permitida a circulação sobre o gradeamento, observando assim os visitantes as máquinas também por cima e por baixo. Esta transparência marca toda a área de exposição permanente onde se representa a cadeia operatória,



**FOTO 4** Colocação da estrutura interna do novo edifício

só se alterando na última sala, sobre os usos sociais do chapéu, onde as máquinas e os objectos da fábrica não têm lugar. No que respeita à ala Sul, optou-se por soluções mais clássicas, não estando ao alcance da observação dos visitantes as estruturas e as soluções construtivas. Na sala principal do serviço educativo foram remontadas, apesar de terem perdido a sua função estrutural, duas colunas de ferro fundido, que marcam a memória de uma das técnicas construtivas presentes no edifício industrial. Uma vez que se trata de um museu dedicado à indústria, optou-se por deixar visíveis, em quase todos os espaços, elementos técnicos como sejam as condutas de ar condicionado (ver foto 5). Excepção a esta regra foram áreas de trabalho, como por exemplo o Centro de Documentação (ver foto 6). Quanto à fachada, foi recuperada em todos os seus aspectos significativos, devolvendo-lhe a imponência dos tempos de laboração da fábrica. A cor de acabamento foi também objecto de cuidadosa análise, recorrendo-se a fotografias de várias épocas e à memória dos que haviam trabalhado naquelas instalações (ver foto 7).



**FOTO 5** Vista da sala de exposição permanente, Piso 0

Outra das preocupações da equipa de projecto prendeu-se com o tratamento do ar interior do Museu (Cf. LIRA, FERNANDES e SANTOS: 2003). Tal tratamento implicou um projecto algo complexo, uma vez que a pré-existência edificada implicou opções técnicas singulares. De acordo com as exigências da conservação preventiva em museus, e tendo em conta especificamente os materiais a conservar e a expor neste museu, optou-se por um sistema global de tratamento do ar com controle da temperatura, da humidade relativa e dos ciclos de renovação, bem como filtragem de partículas. O sistema permite ainda definir quais as variações máximas aceitáveis para o ciclo de 24 horas, relativamente aos valores determinados como óptimos para a temperatura e humidade relativa. O controle dos parâmetros acima enunciados pode ser exercido área a área, definindo valores diferentes para diferentes partes do edifício. Tal definição é realizada centralmente, não se permitindo a regulação manual nos locais. São excepção a esta regra, para conforto dos utilizadores, os gabinetes de trabalho, onde é possível a regulação individual da temperatura. O sistema central permite ainda a programação antecipada dos parâmetros já referidos, por exemplo para preparação do auditório para um evento com início marcado. Finalmente, o sistema garante uma pressão no interior do edifício ligeiramente superior à exterior, no sentido de afiançar que não há entrada significativa de ar não tratado.

A distribuição das áreas do museu teve também em consideração os circuitos de circulação dos visitantes e dos funcionários do museu, tanto no que respeita ao controle



**FOTO 6** Vista do Centro de Documentação, Piso 1



**FOTO 7** Entrada principal do Museu

de acessos quanto no que concerne ao seu dimensionamento. Assim, a circulação dos visitantes faz-se por três vias: acesso livre à loja, ao bar-restaurante e à sala de exposições temporárias; acesso controlado às salas de exposição permanente e acesso condicionado ao centro de documentação. A visita às exposições permanentes faz-se por um circuito dentro do edifício que não obriga a retorno<sup>4</sup>. É absolutamente livre o percurso dos visitantes, tanto em cada área/sala quanto na liberdade de ir e vir, eventualmente repetindo partes da visita já efectuadas. O elevador permite o acesso aos visitantes do piso térreo aos pisos superiores, mas condiciona ao uso de uma chave o acesso ao piso inferior, onde estão localizadas as reservas. O acesso ao centro de documentação faz-se pela escadaria nobre do edifício, objecto emblemático da antiga *Empresa Industrial de Chapelaria*, e que foi reconstruída na exacta localização da original.

Por pisos, o museu é constituído pelas seguintes áreas funcionais<sup>5</sup>:

**Piso -1:** neste nível está instalado o estacionamento, as reservas visitáveis e não visitáveis, os laboratórios de conservação e restauro, serviços sanitários para funcionários, a cozinha do bar-restaurante e respectivos anexos (armazéns e zonas frigoríficas), espaços de arrumação do museu e áreas técnicas. Os acessos ao piso superior fazem-se por quatro meios, a saber: escadas do estacionamento para o pátio exterior do museu, elevador e escadas que permitem o acesso das reservas à sala de exposição permanente, e

escadas que permite o acesso da cozinha ao bar-restaurante; há ainda um monta-pratos que liga a cozinha aos dois pisos do restaurante.

**Piso 0:** no nível térreo situa-se a entrada principal do museu. Situa-se também neste piso a recepção e a loja do museu, a primeira sala de exposição permanente, bem como o bar-restaurante, a sala de exposições temporárias, o auditório e instalações sanitárias para o público. Da sala de exposição permanente há uma porta de grandes dimensões, voltada ao pátio, por onde é feito o acesso de máquinas e outras peças de volume considerável.

**Pisos 1 e 2:** as salas de exposição permanente ocupam a ala norte e o corpo central do edifício, respectivamente no piso 1 e no piso 2. O acesso entre as salas de exposição permanente faz-se por rampas ou por elevador. No piso 1 está também localizada a sala superior do restaurante, com acesso directo a partir da sala térrea. Ainda neste piso, mas com acesso pela escadaria nobre, está localizado o centro de documentação e os gabinetes de trabalho, e ainda as áreas do departamento educativo, estas com acesso próprio (ou através da área dos gabinetes, mas apenas para pessoal do museu). Existem também instalações sanitárias para o público e funcionários.

Com a abertura ao público em Junho de 2005, conclui-se a fase de transformação em museu do velho edifício da fábrica. A partir dessa data, com os visitantes<sup>6</sup> e com quem no museu agora trabalha<sup>7</sup>, se fará uma nova época da uti-

lização deste edifício. A recuperação do prédio, e a criação de um equipamento cultural como o Museu, pretendeu ser, antes de mais, uma revalorização da própria indústria, fundada na memória dos que nela trabalharam e promotora de desenvolvimento. O edifício da EICHAP, agora recuperado e reabilitado, é uma peça essencial nessa memória que se escoava lentamente. As zonas industriais de S. João da Madeira tenderam a abandonar este sector da cidade onde alguns edifícios industriais, agora abandonados, se vão degradando. Mas a “Empresa” já não ostenta uma fachada decadente. E essa é, talvez, para os sanjoanenses, a primeira imagem do Museu.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Levi Moreira da (1997) *Memórias de Tempos Idos. Subsídio para a História de S. João da Madeira e sua Região*, Cucujães, ed. do autor.

COSTA, Luis (1987) *O Coração da Fábrica. Viagem ao mundo das Unhas Negras*, S. João da Madeira, Câmara Municipal de S. João da Madeira.

LIRA, Sérgio (2001) “O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira” in *Antropológicas*, nº 5, Universidade Fernando Pessoa.

LIRA, Sérgio (2002) “O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira”, in *Actas do Colóquio de Museologia Industrial. Reconversão e Musealização de espaços industriais*, Porto, Museu da Indústria, pp 79–88.

LIRA, Sérgio (2003) “Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira – Plano Museológico” in *Actas das I Jornadas de Museologia de S. João da Madeira*, S. João da Madeira, Câmara Municipal de S. João da Madeira.

LIRA, Sérgio e MENEZES, Suzana (2001) “The Hat Industry Museum of S. João da Madeira (Portugal)” in *Museological Review*, Leicester, Department of Museum Studies, vol. 7, pág. 68 a 71.

LIRA, Sérgio, FERNANDES, Suzana e SANTOS, Patrícia Mota (2003) “Projectos: Museológico, Arquitectónico, Ar Condicionado e Ventilação”, in *Do Projecto às Coleções*, S. João da Madeira, Câmara Municipal de S. João da Madeira.

## NOTAS DE RODAPÉ

**1** PhD in Museum Studies, University of Leicester. Professor Auxiliar da Universidade Fernando Pessoa; membro do CEAA, Centro de Estudos de Antropologia Aplicada.

**2** A este respeito é possível consultar, entre outros trabalhos (COSTA: 1987) e (COSTA: 1997).

**3** Ver anexo 1

**4** Para tal foi necessário criar uma escada exterior ao edifício, que permite a comunicação vertical entre os vários pisos, na zona do corpo central. Tal elemento é o único que o edifício recebeu alterando a volumetria exterior original. Esta intervenção assume-se como tal, destacando-se os materiais de construção (estrutura metálica e tapamento em vidro) daqueles empregues nas restantes áreas das fachadas.

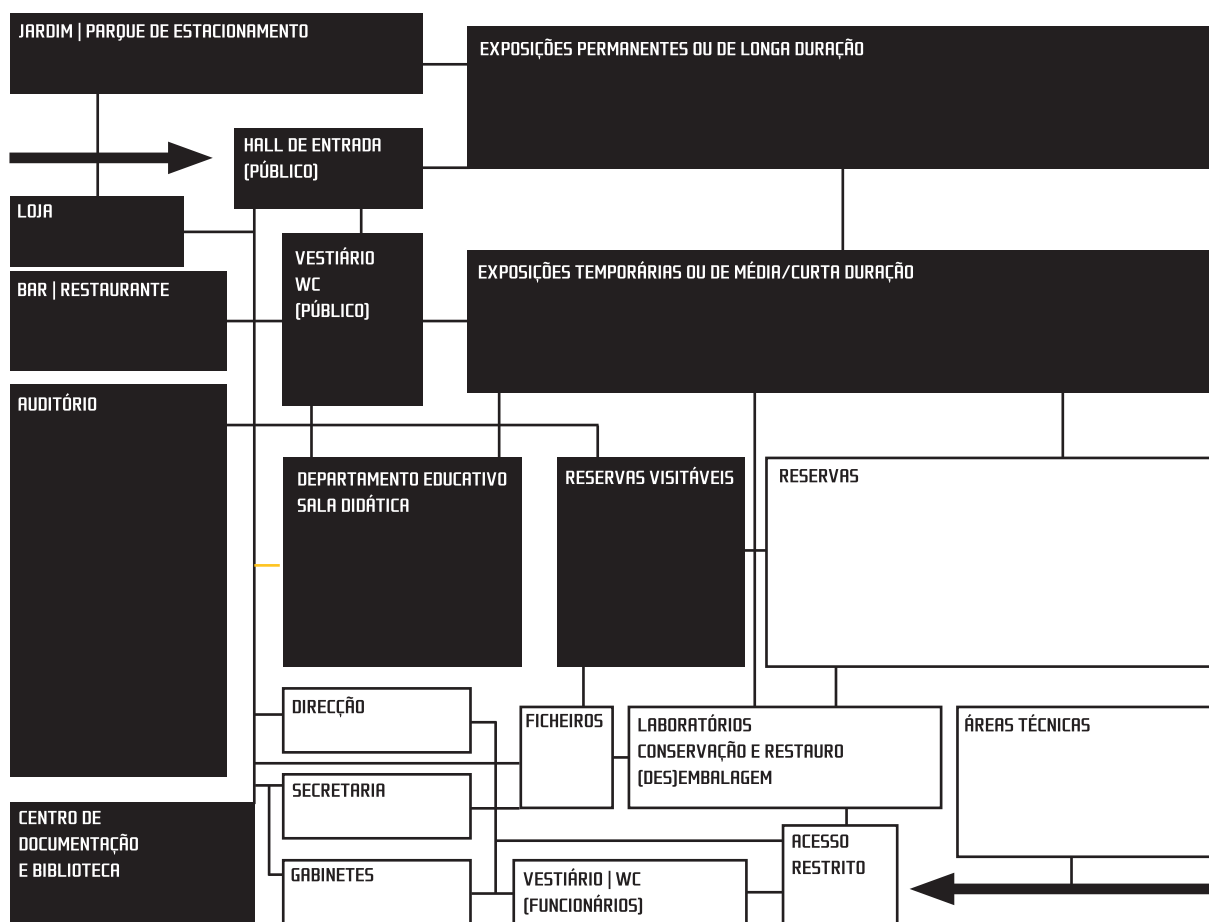
**5** Ver Anexo 2, Plantas simplificadas do edifício

**6** Até ao momento, Janeiro de 2006, o Museu recebeu já perto de 10.000 visitantes.

**7** Um dos actuais funcionários do Museu, o Sr. Méssio Trindade, sempre trabalhou, desde os 10 anos de idade quando ingressou na EICHAP, neste edifício. O Sr. Méssio é a principal fonte oral de informação acerca da “Empresa”.

## ANEXO 1 Organigrama do Museu

As áreas a assinaladas a negro correspondem aos espaços destinados ao público; as áreas assinaladas a branco correspondem a espaços de acesso reservado. Não há proporcionalidade nas áreas apresentadas no organigrama; apenas de representam as suas relações físicas e de acesso.

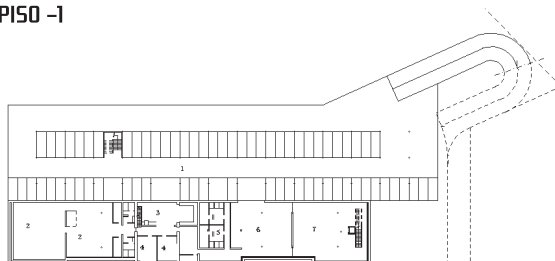


## ANEXO 2 Plantas simplificadas do museu

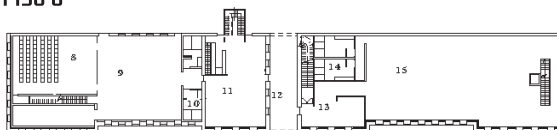
### LEGENDA DAS PLANTAS SIMPLIFICADAS:

- 1 – Estacionamento
- 2 – Áreas Técnicas e Arrumos do museu
- 3 – Cozinha
- 4 – Arrumos da Cozinha
- 5 – Sanitários dos funcionários
- 6 – Reservas não visitáveis e Laboratórios de Conservação e Restauro
- 7 – Reservas visitáveis
- 8 – Auditório
- 9 – Sala de Exposições Temporárias
- 10 – Sanitários
- 11 – Bar / Restaurante
- 12 – Entrada Principal
- 13 – Recepção e Loja
- 14 – Sanitários
- 15 – Exposição Permanente
- 16 – Serviços Educativos
- 17 – Sanitários
- 18 – Sala do Restaurante
- 19 – Gabinetes de Trabalho
- 20 – Centro de Documentação
- 21 – Sanitários
- 22 – Exposição Permanente
- 23 – Exposição Permanente

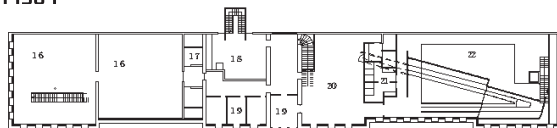
### PISO -1



### PISO 0



### PISO 1



### PISO 2

